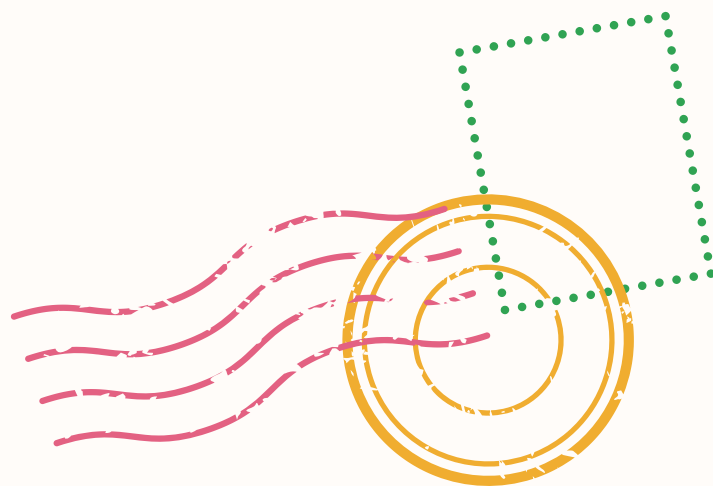






DePara



Projeto
DePara

“

Saudade
quando
a minha
pergunta
tinha uma
resposta.



”



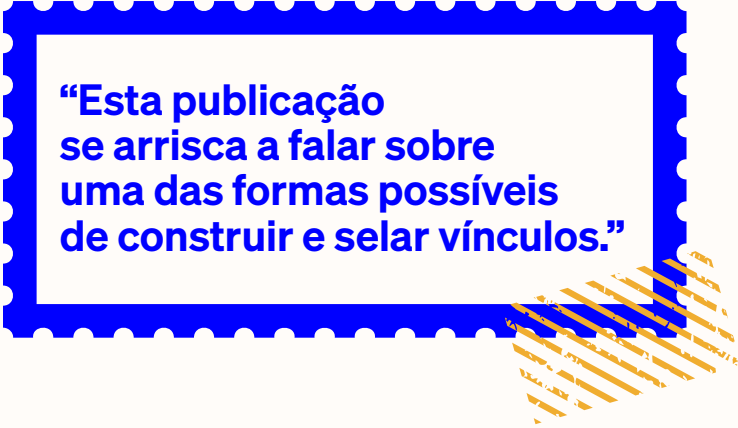
Apresentação

Remetente: Centro de Referência do Museu da Língua Portuguesa

Sempre que falamos sobre cultura e museus, caímos diretamente na principal razão de existência deles: as pessoas. São as pessoas que criam memórias e acervos, que acessam e fruem pelas experiências por eles provocadas... Se há, portanto, uma relação entre pessoas e museus, que tipo de vínculo é possível estabelecer entre eles?

Esta publicação se arrisca a falar sobre uma das formas possíveis de construir e selar vínculos. Uma, digamos, experiência que consiste em uma ideia posta à prova sobre como se pode usar cartas para criar aproximação e laços. Mais ainda, como cartas podem ser um instrumento para valorizar as pessoas como sujeitos sociais, contribuir para fomentar a dignidade humana, auxiliar processos de tratamento de saúde, promover acesso à cultura e, ainda, produzir memórias e conhecimento.

Em 2023, o Centro de Referência do Museu da Língua Portuguesa desenvolveu o projeto DePara, em parceria com a artista e educadora Carmen Garcia, mobilizando uma espécie de transposição da curadoria dedicada à presença das línguas na rua¹. A ideia do projeto nasceu entre a artista e a articuladora social do Museu, Evelyn Lauro, impulsionada por outra idealização do Museu naquele mesmo ano: o I Festival Cultura e Pop Rua. O DePara, desde então, vem atuando com pessoas ligadas a projetos parceiros, em especial, sediados no território que abrange os bairros da Luz, Bom Retiro, Campos Elíseos e Santa Ifigênia, todos no centro da cidade de São Paulo. Essas pessoas, em sua maioria, estão em algum grau de situação de vulnerabilidade,



**“Esta publicação
se arrisca a falar sobre
uma das formas possíveis
de construir e selar vínculos.”**

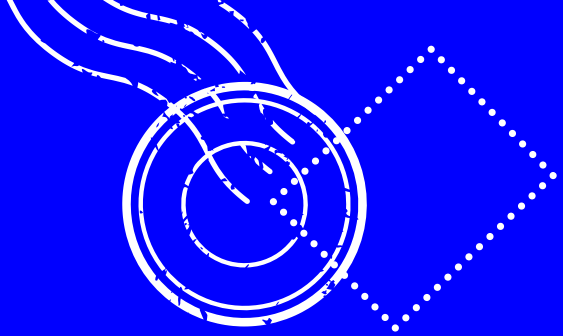
e não têm – ou tinham – relação estabelecida com o Museu. Cruzar as portas de um imóvel histórico do tamanho da Estação da Luz², casa de um museu dedicado à língua portuguesa (a “última flor do lácio”), pode parecer bem tranquilo para alguns, mas, para outros, as barreiras invisíveis podem ser bastante difíceis de transpor.

Convidamos participantes desse projeto para escrever uma carta, quer dizer, um relato sobre a experiência vivida, enquanto costuramos essas boas memórias com dados sobre ele. Nosso desejo é que esta publicação, que é um registro desse ciclo de laços e afetos firmados, possa visibilizar algumas das pessoas envolvidas e inspirar você leitor sobre a potência da cultura – e, quem sabe, a escrever uma carta para a gente.

¹ Rua da Língua é uma das experiências presentes na exposição principal do Museu da Língua Portuguesa. Uma instalação que surpreende os visitantes numa tela de mais de 100 metros de comprimento com fragmentos de poesia visual e sonora, que apresentam o dinamismo da língua portuguesa. A tela se transforma em paredes, muros, faces de edifícios, jornais e tantos outros suportes em que a língua surge nas cidades, na fala de todos os dias, nos provérbios e canções.

² Um edifício histórico do final do século XIX, abriga uma das mais importantes estações ferroviárias do estado de São Paulo e o Museu da Língua Portuguesa. É um Patrimônio Cultural Brasileiro e recebe milhares de passageiros diariamente.

— Sumário



Um projeto de trocas

—
pág 10.

Um projeto experimental com aspirações perenes: DeParaSempre

—
pág 24.

Saudações cordiais

—
pág 46.

Oficina de Multiplicadores e experiência no Reviravolta

—
pág 67.

Conversar com a distância

—
pág 13.

Caneta é maçaneta, dobradura é dobradiça

—
pág 31.

Vínculo selado

—
pág 59.

Salve povoaria

—
pág 70.

Ficha técnica

—
pág 81.

Oficina DePara: a escrita como processo de saúde

—
pág 19.

DePara veio para ficar

—
pág 42.

Da escrita à brincadeira, da continuidade ao afeto

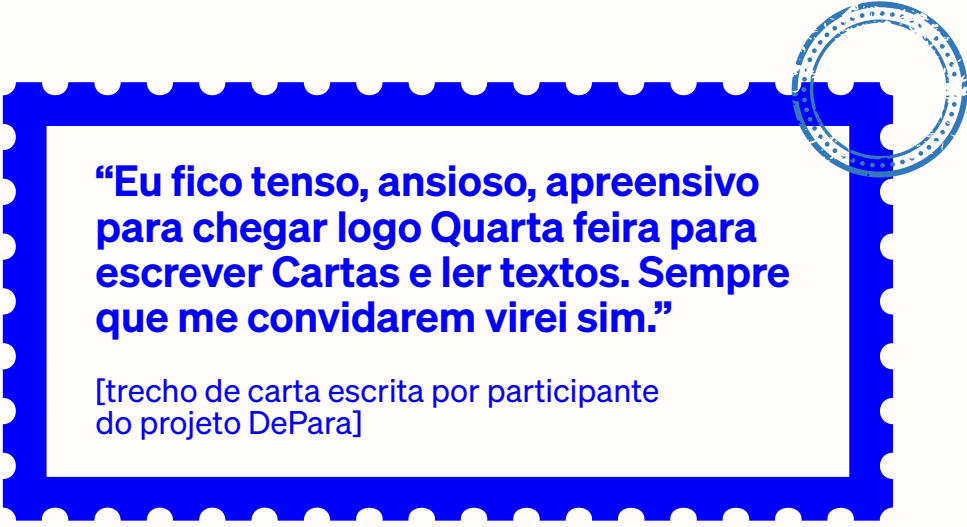
—
pág 63.

Agradecimentos

—
pág 80.



Um projeto de trocas



“Eu fico tenso, ansioso, apreensivo para chegar logo Quarta feira para escrever Cartas e ler textos. Sempre que me convidarem virei sim.”

[trecho de carta escrita por participante do projeto DePara]

O DePara é um projeto do Centro de Referência do Museu da Língua Portuguesa (CRMLP), idealizado em parceria com a artista visual Carmen Garcia, que busca, por meio da escrita de cartas e trocas diversas entre os participantes, resgatar laços e promover a dignidade humana, a socialização e a valorização dos saberes voltados prioritariamente à população em vulnerabilidade social extrema que circula cotidianamente na região da Luz, no centro da cidade de São Paulo. Até o momento, o projeto realizou duas edições, em 2023 e 2024, ocupando espaços do Museu e das calçadas e espaços da Estação da Luz, além de espaços de parceiros do projeto como parques, estações de metrô, festivais...



Foto: Julia Calasso
2024

O nome DePara carrega em si dois elementos principais da correspondência: remetente e destinatário, além de trazer para a discussão o verbo *deparar*, que quer dizer encontrar com algo inesperado, como a carta de um parente distante ou um texto que nos ajuda a entender melhor o que estamos sentindo. Mas, por que escolher a carta como elemento disparador deste projeto?

Como parte central do projeto tem-se a produção de cartas de diversas pessoas e por respeito às suas criações e realidades, optamos por não revisar, editar ou trabalhar os textos feitos à mão, sendo todos transcritos para as páginas a seguir exatamente como nos foram entregues, com todas as particularidades de seus criadores.



Conversar com a distância

Remetente: Cecília Rosas



“Venho por meio destas mal traçadas linhas / comunicar-lhe que fiz um samba pra você.” Assim canta Adoniran Barbosa em “Vide verso meu endereço”, samba epistolar que retrata a vida de um engraxate na São Paulo dos anos 1970. Hoje em dia, assim como a profissão de engraxate, a escrita de cartas pode parecer uma ocupação em desuso. Mas, se prestarmos atenção, vemos que as cartas seguem presentes em nossas vidas. Avós que se correspondem com netos em outras cidades. Pacotes que cruzam países com uma notinha manuscrita. No âmbito público, temos a carta aberta, a carta de protesto, a carta de intenções. A carta de amor, convenhamos, segue bem mais charmosa que o e-mail de amor.

O filósofo Michel Foucault inclui cartas, diários e autobiografias na categoria de “escritas de si”. São textos íntimos que agem sobre quem os escreve, apresentando uma forma de se construir por meio da escrita. Mas, enquanto no diário e na autobiografia escrever é um exercício de exame interior, a correspondência exige que uma pessoa se coloque diante de outra. Primeiro, na imaginação. Segundo Foucault³, é quase a antecipação do encontro. Dessa forma, podemos pensar que escrever uma carta é um jeito de olhar para si mesmo, mas é também uma maneira de se mostrar para o outro. Entre os que sempre foram marginalizados, a quem foi negado o direito de se narrar e de se comunicar, isso é ainda mais marcante. A escrita epistolar organiza uma experiência subjetiva, mas a maneira como isso será narrado varia de acordo com quem vai ler. Cada carta tem um pouco de quem envia e um pouco de quem recebe.

³ Michel Foucault, “A escrita de si”, em Manoel de B. Motta (org.), *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 153 e 156.

E não é só a mensagem que conta: o envelope, o tipo de papel, a caligrafia, a cor da caneta ou o traçado do lápis – às vezes até uma lembrancinha, como uma flor seca – têm o efeito de fazer presente quem a enviou⁴. Há o encanto de saber que aquilo passou pelas mãos do remetente, além da duração própria da carta. O tempo de escrita, de leitura, o deslocamento até a agência dos Correios, a distância temporal entre o envio e o recebimento criam um outro ritmo de comunicação. Quem escreve, sempre escreve para uma pessoa no futuro. Essa relação particular com o tempo é um convite às mensagens mais longas. Em tempos de subjetividades fragmentadas em mensagens instantâneas, essa presença e atenção talvez sejam ainda mais valiosas.

Antecipar um encontro, receber mensagens distantes, tudo isso é uma forma de reconhecer que aquela pessoa não está por perto. É curioso, então, que a mesma presença material revele uma ausência. Assim, podemos dizer que escrever uma carta é conversar com a distância. Vale chamar a atenção para o fato de que toda carta tem suas lacunas, seus não ditos, às vezes rasuras. São falhas de comunicação que, muitas vezes, dizem tanto quanto o conteúdo enunciado na mensagem⁵. Ainda nessa linha de raciocínio, mesmo a carta não enviada pode ter um efeito importante sobre quem a escreveu. Naquele papel acontecem muitos encontros que já não são mais possíveis. Quem se abre para o olhar do leitor põe ali o próprio rosto, num gesto de coragem, e isso pode alterar uma conversa – mesmo que ela aconteça internamente.

E, afinal, sobre o que se escreve nas correspondências? Existe uma infinidade de assuntos possíveis: há quem conte da vida cotidiana, há quem faça grandes anúncios, alguns outros se declaram. É possível brigar, cortar relações. Em cada carta, o remetente narra a si mesmo, sua época, seu leitor. Há uma riqueza infinita a ser lida em todos esses detalhes.

Por ser uma forma cotidiana de escrita, muito ligada ao âmbito doméstico, a correspondência pessoal muitas vezes é tratada como um gênero feminino. Aliás, como nos revela o eu lírico de Adoniran no final do samba – “Não repare a letra / a letra é de minha mulher” –, aquela carta também é escrita por sua companheira. Ou será, como em outros sambas, aquele narrador que já relatou não saber escrever? Trata-se, quem sabe, de uma autoria conjunta? Por acaso é preciso saber escrever para que uma carta venha ao mundo?

Como vemos no projeto DePara, a escrita de cartas pode acontecer de muitas formas, conectar pessoas e agir sobre comunidades inteiras. O gesto de contar sobre si mesmo e de se colocar sob a mirada alheia nunca é individual. Torcemos para que outros projetos como esse espalhem muitas mal traçadas linhas mundo afora.

⁴ Michel Foucault, “A escrita de si”, em Manoel de B. Motta (org.), *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 155-156.

⁵ Jeanne Bem, “Le statut littéraire de la lettre”, em André Françon e Claude Goyard (org.), *Les correspondences inédites*. Paris: Éditions Économica, 1984, p. 115.



O projeto DePara propõe uma aproximação transdisciplinar, criativa e de troca de saberes entre públicos e Museu, por meio de sua equipe e acervo, e o estímulo da escrita, dedicando-se principalmente à geração e ao fortalecimento de vínculos, além da promoção da qualidade de vida a partir do estímulo às habilidades comunicativas e artísticas, a criatividade, socialização, valorização de saberes e vivências da cidade.

Foto: Luíza Magalhães
2023



Foto: Julia Calasso
2024





Oficina DePara: a escrita como processo de saúde

Remetente: Jonathan Tavares

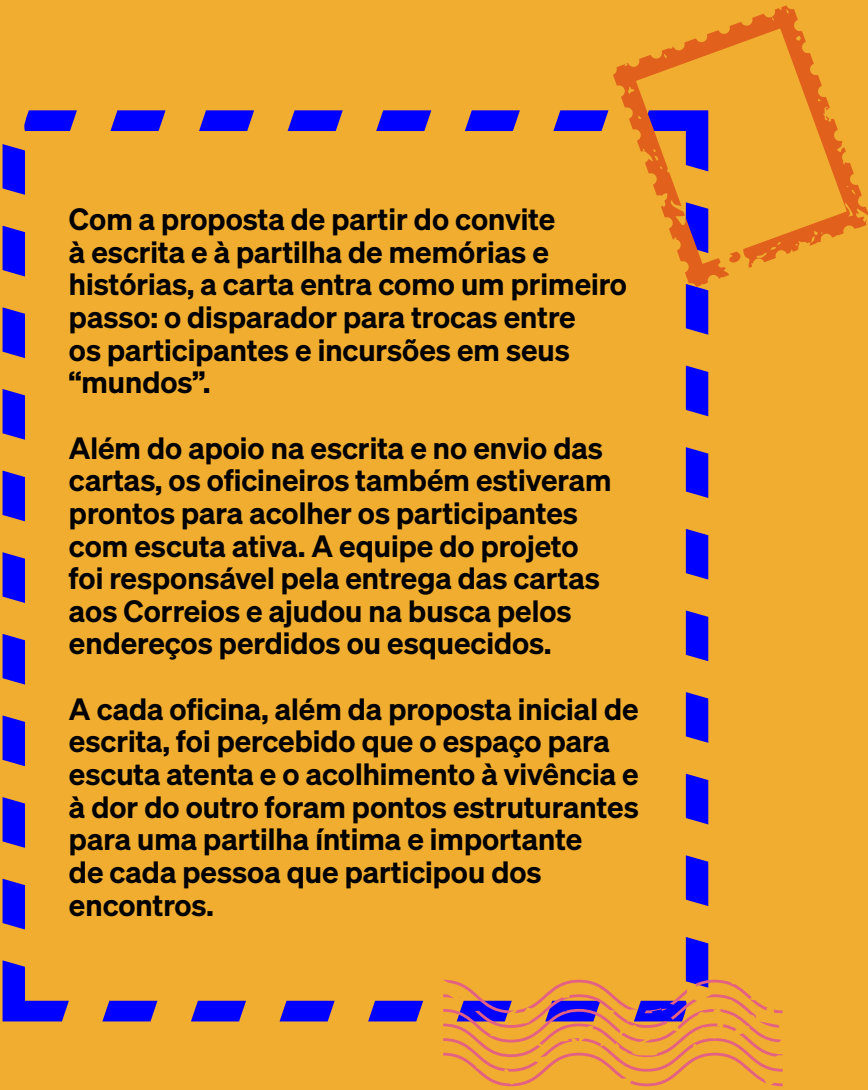
A oficina DePara oferecida pelo Museu da Língua Portuguesa em parceria com serviços e instituições do território do bairro da Luz em São Paulo demonstra a força da escrita como ferramenta de expressão literária, mas, sobretudo, por sua capacidade de evocar memórias, fatos, afetos e histórias por meio da troca de correspondências. Esta oficina, que tem como um dos públicos principais os moradores do entorno do Museu, principalmente aqueles que estão em situação de vulnerabilidade psicossocial, reforça a importância da oferta de ações inclusivas por parte de equipamentos públicos de cultura que viabilizem o acesso àqueles que mais precisam às ferramentas de expressão simbólica, capazes de restaurar, um pouco que seja, a memória de um passado soterrado por um presente repleto de ausências: ausência de lar, de família, de renda, de amparo. Há algo que não desaparece e insiste em permanecer ainda que diante de todas essas ausências: as histórias de vida e suas memórias que são acionadas através do recurso poderoso que é a escrita de uma carta, seu endereçamento e retorno.

Esta oficina, capilarizada pelo território onde o Museu da Língua Portuguesa atua, construiu parcerias transversais com diversos serviços, sejam eles da educação, assistência social ou saúde, provando que a palavra de ordem para o cuidado integral das pessoas que acessam os serviços públicos continua sendo a intersetorialidade. Especificamente na articulação com os serviços de saúde mental do território, a oficina DePara viabilizou, por meio de encontros mensais, a produção de uma série de procedimentos internos à clínica terapêutica que se manifestaram com força e beleza ao longo de todos os encontros. Podemos destacar, primeiramente, a criação e o fortalecimento de vínculos entre os usuários do CAPS⁶, a equipe profissional e o espaço físico do Museu, em seguida, o estímulo às práticas expressivas e comunicativas por meio da escrita e do acesso à memória, o fortalecimento do protagonismo e o uso do território como elementos de exercício de cidadania e bem-estar; portanto, o conjunto desses procedimentos, entre muitos outros, ancoram o objetivo fundamental que guia a prática de cuidado em saúde mental: a reabilitação psicossocial.

Através do ato simultaneamente simples e altamente complexo da escrita, por meio de um dispositivo repleto de afetividade e memória como a produção de cartas, percebemos como a importância desse trabalho expressivo articulado em conjunto com a área da saúde mental pode tornar-se vetor de cuidado, promoção de saúde e prevenção. O encontro da cultura com a saúde, longe de parecerem elementos opostos, tem muito a contribuir, uma com a outra, dentro de suas práticas e discussões, tomando o sujeito como ser global, não segmentado por categorias, mas aberto a experimentar a busca por saúde como uma procura pela expressão de si.

⁶ CAPS é a sigla para Centro de Atenção Psicossocial, serviço público especializado em saúde mental.





Com a proposta de partir do convite à escrita e à partilha de memórias e histórias, a carta entra como um primeiro passo: o disparador para trocas entre os participantes e incursões em seus “mundos”.

Além do apoio na escrita e no envio das cartas, osicineiros também estiveram prontos para acolher os participantes com escuta ativa. A equipe do projeto foi responsável pela entrega das cartas aos Correios e ajudou na busca pelos endereços perdidos ou esquecidos.

A cada oficina, além da proposta inicial de escrita, foi percebido que o espaço para escuta atenta e o acolhimento à vivência e à dor do outro foram pontos estruturantes para uma partilha íntima e importante de cada pessoa que participou dos encontros.



Um projeto experimental com aspirações perenes: DeParaSempre

Na primeira edição, três grupos foram engajados a compor o público principal do projeto:

População em situação de vulnerabilidade social extrema que ocupa as calçadas da Estação e do Jardim da Luz



Foto: Luiza Magalhães
2023

Um dos públicos de maior proximidade física do Museu, mas que por todo o contexto social estabelecido é o que tem mais distanciamento de acesso ao espaço. A população em situação de rua que ocupa as calçadas da Estação da Luz é um dos públicos especiais do Museu da Língua Portuguesa e promover o direito à cultura, por parte dessa população, é uma das principais frentes de ação da instituição.



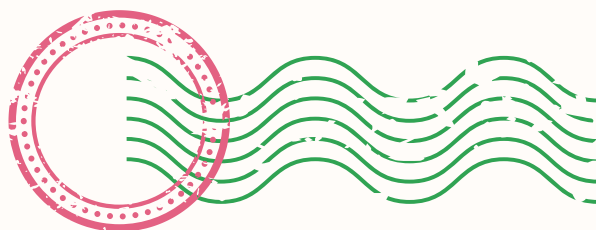
De Para

Centro de Atenção Psicossocial III Álcool e Drogas Prates (CAPS AD III Complexo Prates)



Foto: Luiza Magalhães
2023

Os Centros de Atenção Psicossocial e as Unidades Básicas de Saúde (UBS) são portas de entrada para o atendimento na área da saúde mental dentro da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo. A unidade Prates fica localizada no território próximo ao Museu e realiza um projeto semanal com grupos terapêuticos chamado Ocuparte, que inclui a participação em ações culturais dos equipamentos do território.



Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) Perus I



Foto: Luiza Magalhães
2023

O CIEJA iniciou suas atividades em 2016 e hoje atende diariamente mais de oitocentos migrantes e imigrantes, em especial a comunidade haitiana que vive na região, fazendo do CIEJA Perus I a maior escola em número de imigrantes da capital. A parceria tinha como desafio o deslocamento e a troca de correspondências entre grupos de diferentes regiões da cidade.



Foto: Ciete Silvério
2023

Em diversos momentos das oficinas, moradores (muitos deles mulheres e homens idosos) estiveram sentados à mesa buscando serem ouvidos, ou se mostraram curiosos com os materiais (em especial a máquina de escrever) e ficaram por toda a atividade produzindo e conversando com os demais.

O projeto impactou o Museu, inclusive, com cartas destinadas à instituição. Dona Francisca, uma senhora de 76 anos, migrante do Ceará em processo de alfabetização no CIEJA Perus I que, com a ajuda da professora alfabetizadora, escreveu uma carta endereçada ao Museu da Língua Portuguesa, falando sobre sua curiosidade em saber como era um “museu de língua”; pessoas em tratamento contra a dependência química que se encontraram com a criatividade e a esperança em novos tempos nas salas e experiências do Museu; e uma jovem em situação de rua há mais de vinte anos que, a partir das oficinas, pôde acessar espaços e se comunicar com familiares que estavam cumprindo pena em presídios da cidade. Relatos pessoais compartilhados com a equipe do projeto demonstraram a importância dos equipamentos de cultura em contextos de dignificação humana e apoio socioemocional.

DePara

SÃO PAULO, 23 DE JUNHO DE 2023.

CARO MUSEU,

EU GOSTARIA DE CONHECER VOCÊS, O QUE AS PESSOAS FAZEM. EU SOU UMA PESSOA MUITO CURIOSA.

EU ESTOU ESTUDANDO NO CIEJA E ESTOU APRENDENDO A LER E ESCREVER. FICO MUITO CONTENTE, POIS ESTOU AQUI NO CIEJA. AQUI ENCONTREI MUITAS PESSOAS BOAS.

EU VIM DO NORDESTE, UMA CIDADEZINHA QUE SE CHAMA CRATO. EU NASCI LÁ E MORO AQUI EM PERUS-SP. EU TENHO 76 ANOS, E ESTOU ESTUDANDO.

TERMINO COM UM ABRAÇO BEM FORTE PARA TODOS VOCÊS. Francisco A de S





Caneta é maçoneta, dobradura é dobradiça



Remetente: Carmen Garcia

Esta manhã eu acordei com a frase “um envelope é uma porta” cutucando minha cabeça desde dentro, querendo sair. Não posso deixar de pensar na carta como uma arquitetura dobrável, móvel, pequeníssima, que abre sobre a mesa um portal por onde saem palavras doces encharcadas de saudade. Um envelope é uma porta que leva remetente a destinatário. Caneta é maçoneta, dobradura é dobradiça. Uma carta abre porta dentro da prisão; abre porta na rua, onde nem parede tem; quando se escreve a quem já partiu, a carta abre porta no céu, abre porta no tempo.

Quando começamos o DePara, primeiro ficamos no saguão, esperando que as pessoas se interessassem por entrar e se sentar à mesa, cheia de materiais. Ninguém entrou. Fomos à rua chamar. Era abril de 2023 e estávamos eu e João Innecco. Nesse dia conhecemos o senhor Leandro. Ele estava na calçada do Museu, onde dormia. Leandro é cadeirante, nos contou que haviam roubado sua cadeira e ele passava muito tempo ali desde então. Quis escrever poemas. Entendemos que a oficina aconteceria ali no chão, com

os três sentados na calçada. Leandro não queria enviar carta para ninguém. Queria que alguém colocasse no papel poemas que ele vinha pensando e que guardássemos os papéis para levar a cada semana para ele reler e continuar escrevendo.

Já que iniciei falando de arquitetura, no processo percebemos que os degraus do Museu eram enormes e pouco acessíveis. Não só para cadeirantes. Às vezes, uma porta grande não faz passar mais gente, pelo contrário, diz a quem está de fora que é preciso ter um tamanho monumental para atravessá-la. Aquela porta enorme, envolta por um prédio majestoso, não convidava quem está acostumado a ser expulso. Precisávamos assumir a zona franca que era a calçada do Museu. Dentro e fora ao mesmo tempo, mas mais fora. Fomos ocupando esse espaço, entendendo como não atrapalhar as pessoas que dormiam ali, como convidar sem invadir. Permanecemos na calçada. E depois de tanto convite, fomos percebendo a formação de um grupo de pessoas que se deslocava nos dias de oficina para a calçada do saguão B, para falar sobre saudade, escrever uma carta para alguém, mexer numa máquina de escrever antiga, usar tinta spray no painel, escrever uma mensagem para a cidade: “Saudades, mãe”.

Defendo que ter um lugar para escrever uma carta e enviá-la sem custo deveria ser um direito porque é uma necessidade. Imagino mesinhas espalhadas pela cidade, como os antigos orelhões. Nelas, há envelopes, papéis, um escrevente, uma caixa onde se depositam as cartas que depois serão entregues pelos Correios. O que é uma necessidade? A mesa na calçada foi se transformando em rotina. Lugar para conversar, ouvir música, desenhar, escrever poema. O que é uma necessidade? Vimos a Brenda totalmente absorta desenhando corações de canetinha em uma carta enquanto as amigas berravam que a Guarda Civil Metropolitana estava tirando o colchão dela, os cobertores. O que é uma necessidade? Brenda ignorou os avisos e as amigas correram para garantir que suas coisas não fossem recolhidas.

Além dos encontros na calçada, também íamos ao CAPS AD III Prates e fomos algumas vezes ao CIEJA Perus I. Eu queria que o projeto tivesse como característica central ser um ambiente acolhedor e seguro onde se pudesse escrever cartas, mas não só. Quando escolhi um nome para o projeto, tinha em mente um objeto que se desloca de um ponto para outro, que contém em si quem manda e quem recebe.

Um objeto bem-vindo, que surpreende, depara. Essa ideia foi se afirmando no decorrer dos meses e acontece ainda agora. É sempre um novo projeto.

Convidei parceiros que pudessem elevar a experiência da escrita e da reunião ao redor da mesa a partir de suas práticas e sensibilidade. Convidei João Innecco, poeta e educador, que vem promovendo a escrita de poemas em diversos contextos, especialmente no cárcere, onde a carta é um meio de comunicação muito recorrente; Camila Ribeiro Leite, psicóloga especializada em análise na rua, que vem atuando no território há bastante tempo e atende a muitas das pessoas que passaram a frequentar a mesa. O destaque à saúde mental que a Camila conseguiu trazer deu profundidade às relações estabelecidas, possibilitando também alguns encaminhamentos cabíveis; e Jonathan Derek, educador do Grajaú, com atuação em diversos contextos de vulnerabilidade, inclusive no território do Museu. Derek é também artista e pixador e conseguiu ativar uma dinâmica de intervenção em um painel de *kraft* com tinta spray e canetões durante as oficinas, possibilitando uma compreensão da cidade como destinatária e da validação das diversas formas de expressões, com e sem o uso de palavras. Os planejamentos semanais aconteciam entre nós em reuniões de alinhamento nas quais conversávamos sobre como os encontros vinham se desenvolvendo e que tipo de práticas poderíamos absorver ou abandonar. Esses encontros eram constantes para garantir que a prática não se esvaziasse e fosse sempre reflexiva.

Houve uma troca intensa de correspondência entre os agentes do DePara, pessoas do CAPS AD III Prates e do CIEJA Perus I, funcionários do Museu e a população da calçada. Na troca, surgiram situações inusitadas de imigrantes haitianos aconselhando pessoas em tratamento de dependência, ou correspondentes se reconhecendo na paixão pelo Corinthians, membros da diretoria do Museu conversando com o Sozé, nosso frequentador assíduo, escritor de tantas cartas-textos. Em alguns momentos, fomos ouvintes, em outros, escreventes. Pode-se ter a ideia de que escrever uma carta seja algo solitário, mas é tão bom fazer junto!

O DePara mobiliza também quando não está acontecendo porque uma parte importante do projeto acontece pelas mãos dos carteiros no transporte e na entrega da carta. Há uma parte que não vemos, mas

eu fico imaginando o desdobramento da carta ao chegar nas mãos de seu destinatário. E há também o que pode acontecer depois. Talvez agora mesmo, enquanto eu escrevo este relato – ou depois, agora, enquanto você o lê –, alguém esteja abrindo uma gaveta, em silêncio. Esse alguém retira da gaveta um envelope, olha para ele com ternura, o abraça e volta a guardá-lo na gaveta.

Como artista das palavras e educadora, o DePara me colocou diante de uma potência das palavras que eu nunca havia acessado. Foi diferente de todas as minhas práticas na poesia, nas artes e na educação porque reuniu tudo isso. Acompanhar alguém que busca as palavras para pedir desculpas, encorajar essa escrita, preencher envelope, guardar essas palavras é uma experiência muito poética para todos os envolvidos.

Foto: Ciete Silvério
2023



Seu abraço...





Foto: João Leoci
2023

O Festival Cultura e Pop Rua 2023, realizado pelo Museu da Língua Portuguesa, em parceria com o Sesc São Paulo, foi uma ação que mobilizou 10 mil pessoas em uma programação complexa, composta de mesas de debate com agentes da cultura, programação cultural, feira de economia criativa e feira de serviços de saúde e assistência para o atendimento das necessidades urgentes da população em situação de rua.

O projeto DePara esteve presente com duas ocupações visuais, sendo uma exposição na sala do Centro de Referência (ao lado do saguão B) e outra em uma das tendas armadas na rua dedicada ao projeto.



Estima-se que a oficina do projeto DePara no Festival Cultura e Pop Rua 2023 atendeu mais de trezentas pessoas e 57 cartas foram enviadas



A oficina aconteceu de forma contínua durante os dias do festival e não se terminava de atender a um grupo e o próximo já começava a se formar, fazendo intersecções importantes, criando convivências: as crianças desenharam com catadores de recicláveis, oficineiros ajudaram a escrever uma carta ao programa do Luciano Huck, o radialista aposentado datilografou cartas para os programas favoritos e por aí vai. Comunicações feitas pelo correio, mas também conversas propostas entre participantes que entendiam a mesa, a cadeira e os papéis como um convite.





Fotos: João Leoci
2023



“

Quando
chove sinto
saudades
de ti, não
sei se sabe,
mas aqui
continua
chovendo



”

[illegible][illegible][illegible][illegible][illegible]

(29)

15 | 09 | 24
D S T Q S S
C L M M J J S

São Paulo

Dejoro veio para ficar

Texto

Desde 2016 que foi quando eu comecei a participar de oficinas de escrita, encontros sócio-educativos eu descobri ainda mais na escrita, eu que já estava sem escrever desde 2000, e não sequer pensava em escrever de novo, mas esses encontros, os jovens desses encontros, que eram e são até hoje estagiários da área de psicologia, psicólogos, eu os acho muito inteligentes, em 2019 fui trabalhar no POT. Programa Operacional Trabalho, eu trabalhava na Vaníção no período da luz, 2:4: e sexta, as terças e quintas, o encontro sócio-educativo, por inserir que força eu gostava por conta deles e deles, aí nos descobrimos, e ficou tudo mais fácil.

Foi com eles que eu aprendi uma palavra e o significado da mesma "tolo" que era realmente o que acontecia entre nós, só que eu sim, aprendia com eles, pois fazia tempos que não me abria mais disso, havia tempos que não ia na escola, só andando por aí Brasil afora, lidando com todos os tipos de gente, educados, mal educados, e ali com eles também eu aprendi a deixá-los para lá e eu bem para lá, juntando tudo isso, influenciou e muito no que aconteceu em termos de êxito, lá no Cezar clora Montelli, que foi o período, que ocorreu e muito no meu desenvolvimento, tanto é que se deu na conclusão do meu tão sonhado ensino Médio, eles também tem meritos em tudo isso.

Dejoro veio para ficar
ARAR 30

13/09/24

(30)

Ai Vêio o "DePara" eram encontros do complexo Prates e Museu da língua Portuguesa, eu tive toda a chance de me desenvolver ainda mais na escrita, as minhas idas no Museu da língua Portuguesa que passaram a ser mais constantes, fui conhecendo mais pessoas de lá, fomos nos conhecendo mais e mais, hoje me convidam mais e eu gosto e muito de ir lá, já tive até lançamento de livro, em fim tenho que administrar isso, complexo Prates, Oluparte, DEPARA, Museu da língua Portuguesa, Pina Botela, vamos aí vivendo e aprendendo.

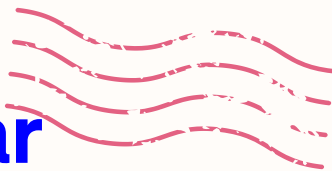
A importância do DEPARA para mim, foi que eu não tinha uma oficina de escrita ou um propriamente dita, prevaleceu a inteligência das pessoas que estavam na frente, e que eles me ajudavam e muito, tanto é que aconteceu o lançamento do livro, com participação direta de todos que inclusive formou-se um Comitê e o livro saiu, sózinho eu não conseguiria nada, eu não tinha condições nenhuma de nada, mais uma vez a União de todos nós prevaleceu, transformou-se um grupo Forte.

Eu acho que o "DePara e lá" veio um para ficar, eu me dei muito bem com eles a ponto de o livro sair, quer dizer que é time que está ganhando, e time que está ganhando não se meche, as nossas encontros eu sei melhoraram a cada dia, e vejo que a tendência é melhorar e é o que está acontecendo, e ao que depender de mim, vou me entregar, como sempre fiz, e vou continuar fazendo o

JOSE Sávio Coelho -
SÓZE.

DEPARA para Sempre

DePara veio para ficar



Remetente: José Sávio Coelho “Sozé”

Desde 2016 que foi quando eu comecei a participar das oficinas de escrita, encontros sócio educativo eu deslanchei ainda mais na escrita, eu que já estava sem escrever desde 2000 e nem sequer pensava em escrever de novo, mas esses encontros, as pessoas desses encontros que eram e que são até hoje estagiários da área de psicologia, psicólogos, eu os acho muito inteligentes, em 2019 fui trabalhar no POT, programa operação trabalho, eu trabalhava na varrição do parque da Luz segunda, quarta e sexta, as terças e quintas o encontro socio educativo por incrível que pareça eu gostava, por causa deles e delas, aí nos descobrimos e ficou tudo mais fácil.

Foi com eles que eu aprendi uma palavra e o significado da mesma “troca” que era realmente o que acontecia entre nós, só que eu vim aprendendo com eles, pois fazia tempos que não me acontecia nada disso, havia tempos que não ia para a escola, só andando por aí Brasil afora, lidando com todos os tipos de gente, educados, mal educados, e até bom eles também eu aprendi a deixá-los para lá e eu bem para cá, juntando tudo isso, influenciou e muito no que aconteceu em termos de êxito lá no CEEJA Clara Mantelli, que foi ano passado, que cooperou e muito no meu desenvolvimento, tanto é que se deu na conclusão do meu tão sonhado ensino médio, eles também tem meritos em tudo isso.

Aí veio o “DePara”. Eram encontros lá no complexo Prates e no Museu da Língua Portuguesa, eu tive toda a chance de me desenrolar

ainda mais na escrita, as minhas idas no Museu da Língua Portuguesa que passaram a ser mais constantes, fui conhecendo mais pessoas de lá. Fomos nos conhecendo mais e mais, hoje me convidam mais, e eu gosto e muito de ir lá, já teve até lançamento de livro. Enfim, tenho que administrar isso, complexo Prates, Ocuparte, DePara, Museu da Língua Portuguesa, Pinacoteca, vamos aí vivendo e aprendendo.

A importância do DePara para mim foi que eu não tinha uma oficina de escrita assim propriamente dita, prevaleceu a inteligência das pessoas que estavam na frente, e que elas me ajudavam e muito, tanto é que aconteceu o lançamento do livro, com participação direta de todos que inclusive formou-se um comitê e o livro saiu. Sozinho eu não conseguiria nada, eu não tinha condições nenhuma de nada, mais uma vez a união de todos nós prevaleceu, transformou-se um grupo forte.

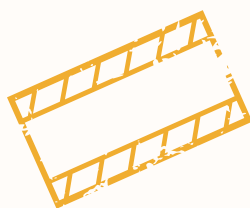
Eu acho que o “DePara e Cia” veio para ficar, eu me dei muito bem com eles a ponto de o livro sair. Quer dizer que é time que está ganhando, e time que está ganhando não se meche. Os nossos encontros, eu sei, melhoram a cada dia, e vejo que a tendência é melhorar e é o que está acontecendo. E no que depender de mim, vou me entregar, como sempre fiz, e vou continuar fazendo ok.

DePara para sempre.



Foto: Ciete Silvério
2023

Saudações cordiais



Remetente: Anderson Moreira Messias

Saudações cordiais, faço votos de que estejas bem ao ler as linhas que doravante redijo. Era assim (ou mais ou menos assim) que se começava uma carta manuscrita antigamente. Um pouco de formalidade misturada com desejo de bem querer. Escrevia-se lento, selecionando bem as palavras, com o cuidado para não errar e evitar rabiscos, e, por fim, a caligrafia tinha de ser muito caprichada. Mergulhava-se introspectivamente num mundo de ideias, notícias, descrições, dissertações, narrações e aspirações.

Memórias tão bem guardadas vieram à tona ao participar da oficina DePara, promovida pelo Museu da Língua Portuguesa em 2023 em parceria com o CAPS AD III Complexo Prates. Nos reuníamos periodicamente para resgatar “a arte de escrever cartas” e diversas formas de expressão foram exploradas.

Na visão moderna da equipe do CAPS, o processo terapêutico extrapola as salas do ambulatório e essa atividade foi um exemplo da importância de lidar com a saúde mental e psicossocial de forma ampla e diversificada. Para mim,

paciente do CAPS, a experiência foi intensa e profunda. Ao me corresponder com pessoas desconhecidas pude analisar e narrar episódios significativos daquele período. Conheci uma estudante da zona norte, troquei dicas musicais com um colaborador do Museu, simulei cartas para meu pai, falecido, e para meu filho, que vive em Buenos Aires, e fluí ao sabor das criativas orientações das oficinairas.

Nessa ocasião, estreitei meu relacionamento com o Museu, me tornei um assíduo frequentador do Centro de Referência e pude vislumbrar as diversas ações promovidas por essa entidade dinâmica e de relevância para a população do entorno, principalmente as pessoas vulneráveis que são acolhidas pela casa. Foi uma experiência que deixou marcas na mente e no coração, me trouxe novas amizades e aumentou minha estima pelo Museu da Língua Portuguesa. Sem me alongar, me despeço reafirmando meu apreço e desejando paz, amor e luz para você.

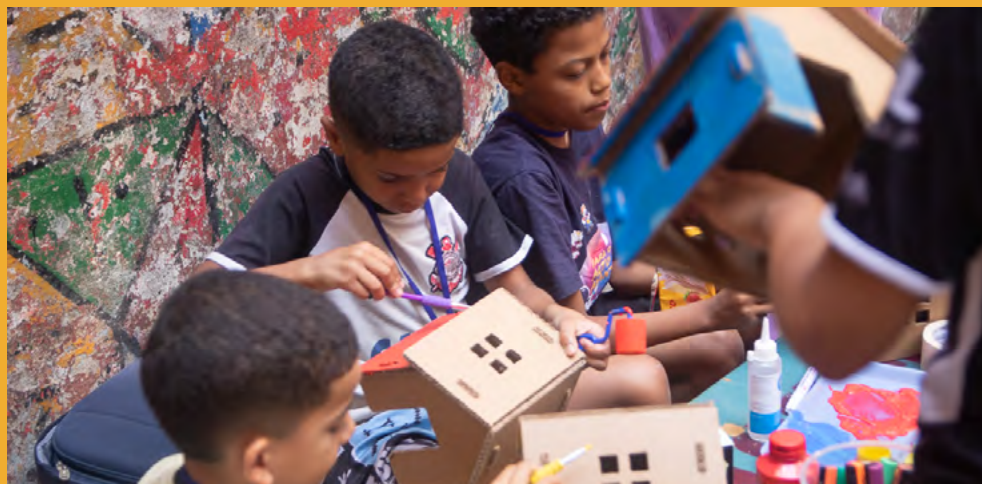
Abraços fraternais.



Foto: Ciete Silvério
2023

Trabalhar cartas e escrita com crianças inicialmente pode parecer um desafio, mas a realidade é que os materiais provocaram um grande encantamento. A oficina DePara – escritas mirins foi proposta com atividades lúdicas voltadas principalmente às crianças. A atividade compôs a programação especial do Dia das Crianças do Museu e contou com a participação expressiva de famílias durante todo o dia. Papéis, canetinhas e canetões, máquina de escrever e latas de tinta spray estiveram à disposição para todos que quiseram participar, podendo escrever, desenhar e sentar-se à mesa para produzir juntos.





Na trajetória do projeto viu-se como o mote da escrita de cartas é um meio privilegiado de articular memórias, palavras e expressões não apenas escritas e desenhadas, mas também cantadas, declamadas, que mobilizam histórias de vida no sentido da valorização dos saberes das pessoas. A natureza deste projeto oportuniza o protagonismo de sujeitos através de múltiplas linguagens, abrindo um leque de possibilidade de desenvolver correspondências (e, conseqüentemente, saberes, produções, histórias etc.) com um público muito caro ao Museu: as crianças.

O Centro de Referência, então, articulou a parceria com o projeto social Juventude, encabeçado pelo Movimento de Moradia e Luta por Justiça (MMLJ), voltado à realização de atividades socioculturais e esportivas com crianças e adolescentes das comunidades da Ocupação Mauá, localizada há poucos metros do Museu da Língua Portuguesa. Foram propostas oficinas na Ocupação Mauá e no Museu, propondo ações artístico-pedagógicas com a carta como eixo central e voltadas para as crianças do projeto social.

Entre desenhos, colagens e palavras, aconteceu o primeiro momento de produção de cartas no projeto com as crianças da Mauá. Foram cartas individuais, coletivas e muitos bilhetes e desenhos destinados “às tias” (como foram apelidadas asicineiras do projeto pelas crianças).

Além das cartas, brincadeiras e momentos de escuta, as crianças demandavam a troca de afeto, abraços e carinhos. A comunicação pela carta transpôs a escrita e muito foi dito, ouvido e expresso em desenhos, colagens e produções individuais e coletivas, deixando evidente a potência criativa, resistente e amorosa que são as crianças da Ocupação Mauá.

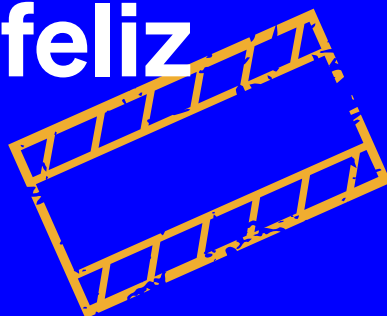
Com uma edição voltada às infâncias, em especial a criação de vínculos com as infâncias da Ocupação Mauá, o projeto teve como encerramento do ano uma participação especial da programação de Dia das Crianças 2024 do Museu da Língua Portuguesa. O espaço da oficina DePara contou com uma exposição das “Casas dos Sonhos”, casinhas de papelão montadas e decoradas por cada uma das crianças participantes da oficina realizada dentro da Ocupação Mauá. Cada um pôde sonhar com uma casa colorida e cheia de elementos que os representavam individualmente. Junto à exposição, um mural de fotos e registros dos encontros realizados durante o projeto e, como elemento de destaque, um grande quadro-colagem em formato de casa (essa, coletiva e cheia de memórias!) foi apresentado com destaque para demonstrar um pouco do que foram os encontros e as oficinas na Ocupação Mauá e nos espaços do Museu.

Foto: Stella Pinheiro
2024



“

**Esse
projeto
deixa a
gente feliz**



”





Foto: Guilherme Sai
2024

Ao final, o quadro-colagem seguiu com as crianças para a Ocupação Mauá, como lembrança deste projeto cheio de emoção e de carinho, **Do Museu Para** as infâncias da Ocupação Mauá, e **Das** infâncias da Ocupação Mauá **Para** o Museu.

“

Hoje tem
tecnologia
poucas
pessoas
escrevem,
mas pra
quem está
preso e não
tem ninguém
uma carta já
é tudo



”



Foto: Floreny Fregone
2024

Serenidade
na Tormenta



Vínculo selado

Remetente: Floreny Fregone



DePara é escrita, carta, selo, correio e muita correria, é cadeira na rua que provoca parar e trazer lembranças.

Observa a si mesmo e escuta atento ao que as palavras têm a dizer.

Neste ano, ouvimos que era necessário estar com quem escreve bilhetes e faz aviões. Foi folha, caneta, lápis, tesoura e envelope ao destinatário. DePara é um remetente que de repente escreve carta, cartaz, folhinha colorida na frente e no verso com nome direcionando amor, carinho e às vezes falando da dor. DePara não tem idade, mas esse ano foi mirim.

E como selar o vínculo por meio das cartas com as crianças?

Selamos inúmeros bilhetes, estamos nas lembranças da Larissa, no coração da Vitória, na saudade da Emilly, nas brincadeiras do Isaque e no sorriso do João, estamos nos inúmeros abraços de todas as crianças da Mauá.

Brincamos por escrever, escrevemos no brincar e tentamos ser seriedade na tormenta.

No café da manhã de conversas, no teatro da realidade que não é fácil, mas é vivida.

DePara 2024 se deparou com muita vida coletiva, nas tramas do asfalto de São Paulo. E criou laços entre o Museu, a língua, a ocupa, as crianças, a arte e a escrita, revelando que no Centro tem muito respeito, muito sonho e muita criança para brincar.

DePara foi e segue sendo uma casa dos sonhos, construída aos poucos, com muita atenção aos detalhes e muito, mas muito carinho.

Foto: Julia Calasso
2024



Brincamos por escrever...





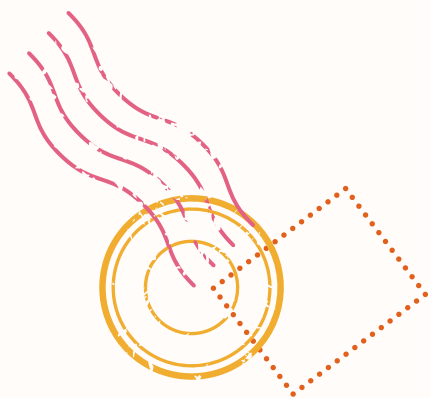
Da escrita à brincadeira, da continuidade ao afeto

Remetente: Millena Nascimento

Estar no pátio da Ocupação Mauá e na calçada do Museu da Língua Portuguesa aos sábados com as crianças moradoras da ocupação foi mostrando como a rotina e a frequência estável trouxeram segurança para o afeto, para o elo que fomos construindo e fortalecendo a cada brincadeira, bronca, silêncio, escuta, a cada momento juntos.

Nossas oficinas tiveram temas e abordagens diferentes; de processos coletivos a individuais, escrita de carta, construção de brinquedo, carta coletiva, teatro, mímica, construção de casa. Em todos, as crianças nos desafiavam a pensar na cidade para eles, pensar o Museu, a moradia, o brincar – e que desafio gostoso. A cada sábado eles davam um chacoalhão na nossa “adultice” e nos convidavam a ser um pouco mais crianças.

Na oficina de escrever sobre seu sonho, eles nos lembraram de como o sonhar e o tempo, apesar de sua materialidade, são tão subjetivos. Quando perguntada sobre seu sonho, uma criança responde “O que é sonho?”, após a explicação, achou um sonho, compromissada ou não com aquilo, mostrou como o sonhar é fluido, longe dessa coisa quadrada de se sonhar apenas profissionalmente.



**Eu tô falando é de
atenção que dá colo
ao coração.**

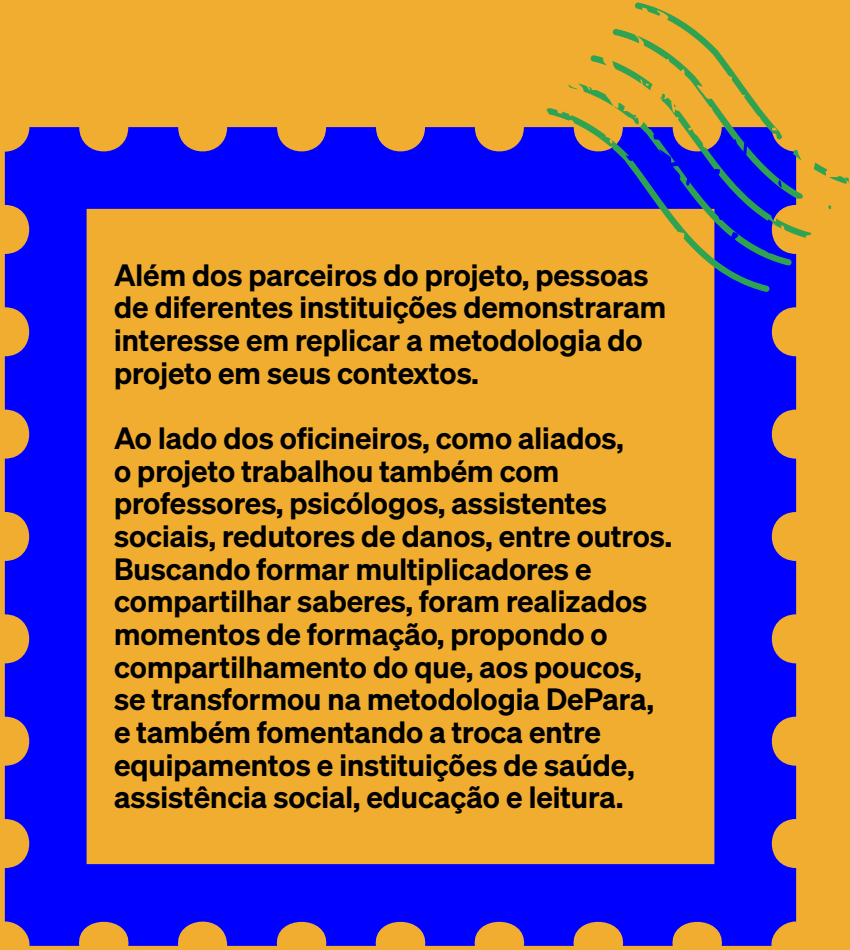
“Ainda há tempo”, Criolo, 2006

Fomos convidados a pensar com eles. O projeto foi mudando, achando sua cara, apostamos em diversas dinâmicas e brincadeiras, erramos e acertamos, mas acredito que nosso maior acerto foi a escuta. Como diz o Criolo: “Eu tô falando é de atenção que dá colo ao coração”.

O DePara mirim é do Museu, é nosso, é das crianças, é da cidade, é de todo aquele que se permite parar um pouco, escrever, lembrar, sonhar, trocar uma ideia.

Um salve a todas as crianças da Mauá, ao MMLJ, à luta por moradia, ao direito à cidade, ao lazer, salve a todos que lutam por dignidade e respeito. Como diz o Adriel: “Respeita os crias e a periferia”.

Respeita os crias...



Além dos parceiros do projeto, pessoas de diferentes instituições demonstraram interesse em replicar a metodologia do projeto em seus contextos.

Ao lado dosicineiros, como aliados, o projeto trabalhou também com professores, psicólogos, assistentes sociais, redutores de danos, entre outros. Buscando formar multiplicadores e compartilhar saberes, foram realizados momentos de formação, propondo o compartilhamento do que, aos poucos, se transformou na metodologia DePara, e também fomentando a troca entre equipamentos e instituições de saúde, assistência social, educação e leitura.



Oficina de Multiplicadores e experiência no Reviravolta

Remetente: Maria Helena Silveira

“Qual é seu maior desejo nos próximos seis meses?”



O Programa Reviravolta da População em Situação de Rua é um serviço de inclusão social e produtiva da organização Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos, referenciado pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, e visa contribuir para a inserção social, organização da vida pessoal e acesso a políticas públicas de inclusão de pessoas que estão em situação de rua. Por meio de atividades coletivas, experiência temporária de geração de renda com reciclagem, oficinas de formação, cidadania, educação ambiental e acompanhamento social, o programa pretende colaborar para que seus participantes restabeleçam a rotina e a organização pessoal e retomem seus sonhos.

As oficinas de formação abordam diversos assuntos, como a compreensão da desigualdade, cultura como direito, direitos humanos e meio ambiente, saúde etc. São aplicadas por diversos profissionais e a equipe social é responsável por elaborar a oficina de Planejamento Social, que tem em vista alguns objetivos, entre os quais entender e identificar as principais demandas que os participantes trazem coletiva e individualmente (documentação, volta aos estudos, saúde, moradia, trabalho, família etc.) e, a partir dessa identificação, inicia-se a elaboração de um planejamento social, tendo em vista o processo de retomada dos participantes de se entenderem como sujeitos sociais de direitos e que têm sonhos, desejos e responsabilidades, mas que muitas vezes são interrompidos pelo sistema socioeconômico atual, em que não basta viver, e sim sobreviver em uma desigualdade tão profunda.

Refletindo sobre o público que atendemos, identificamos que as pessoas em situação de rua passaram por processos de perdas e rompimentos de vínculos em vários aspectos da vida, como o emprego, a moradia, a separação da família e até da própria identidade. Entendemos que quem está nessa situação, além das necessidades básicas, tem necessidade de espaços em que se sinta valorizado, onde possa reavivar suas capacidades e ser respeitado como ser humano dotado de potencialidades, objetivos e sonhos, e que quando se trata de atuar com o ser humano, temos de lidar com suas singularidades, com as diferentes possibilidades e escolhas que são feitas.

Pensando em todos esses processos e após realizarmos a oficina de Multiplicadores do projeto DePara, em que se apresenta a carta como um instrumental possível para trabalhar com a formação do vínculo e a retomada da memória, construímos de forma metodológica um novo formato na oficina de Planejamento Social, a construção e a escrita de cartas pelos participantes.

Aplicamos essa metodologia pela primeira vez em julho de 2024, após a oficina de Multiplicadores, e a ideia foi utilizar a escrita das cartas no segundo momento da oficina. No primeiro momento, assistimos ao curta-metragem *Vida Maria* e foi feita uma roda de conversa sobre ciclos de violência e desigualdade, em seguida, perguntamos aos participantes quais eram seus maiores objetivos e desejos.

Após essa reflexão, demos início à escrita das cartas, momento em que o participante era simultaneamente remetente e destinatário. Para dar início à escrita, a equipe pensou em uma pergunta disparadora: “Qual é seu maior desejo nos próximos seis meses?”. A pergunta surge como forma de iniciarmos o processo de acompanhamento social dentro dos seis meses que os participantes têm no programa, em que começamos a identificar as demandas coletivas e individuais e a iniciar o processo de vinculação, para que o acompanhamento social seja contínuo, mas que comece a partir da oficina de Planejamento Social, sendo ela o ponto de partida para a elaboração do Plano Individual de Atendimento (PIA), instrumento norteador da permanência dos participantes no programa.

Com isso, identificamos que a escrita das cartas faz sentido dentro de nossa proposta, além de vermos, muitas vezes, como esse processo de escrita para o *eu* traz a retomada de sua própria história e de se entender como sujeito social de direito, com sonhos, mas que muitas vezes são esquecidos. Vemos também a importância da carta como forma de fazer com que haja um instrumento de registro do processo de entrada no programa e que visualize a forma de saída a ser elaborada.

Buscamos com essa proposta fazer com que a equipe social começasse a ter uma visão das principais demandas apresentadas, para assim iniciar o processo de acompanhamento social, visando, de forma ampla, as singularidades de cada um.



Salve povoaria

Remetente: Cristiane Maria Coutinho Fialho

Queridas amigas e amigos do projeto DePara, salve povoaria!

Quero iniciar minha carta dizendo que cartas são uma lindeza e que foram vocês que resgataram em mim essa memória afetiva que, antes do DePara, estava adormecida em mim. Sou professora de Português no Ensino Fundamental na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no CIEJA Perus I e, ao ser convidada para o projeto DePara, me lembrei da atemporalidade do ato de escrever cartas. Ao propor o projeto para os estudantes, imediatamente eles me relataram suas vivências: alguns me contaram de cartas que receberam, cartas de amor, cartas de saudades de sua terra natal, cartas de despedida e outros estudantes relataram que nunca receberam uma carta durante a vida.

As cartas estão presentes durante toda a história humana. Cartas de amor de Fernando Pessoa, cartas de Paulo Freire, cartas aos Coríntios, cartas de Oscar Wilde ao seu amor, cartas de Martin Luther King, cartas de minha mãe (que me escrevia enquanto eu morava no Rio e, ela, em São Paulo). Descobri nas cartas um cosmo de possibilidades de estudo e de trabalho com os estudantes. Na Educação de Jovens e Adultos, o que permeia todo o nosso trabalho é a alfabetização, margeada pela construção coletiva de uma visão crítica-cidadã-do-mundo. Então, trabalhar com cartas foi um excelente mote para discutirmos vários assuntos cotidianos importantes.

Mas como iniciar o trabalho com cartas? Iniciamos apresentando o projeto DePara e recebemos as educadoras e os educadores do projeto em nossa escola e todos ficaram empolgados em dar seus depoimentos. Em tempos de WhatsApp, por que escrever cartas? Respondemos a essa pergunta de forma poética: “Para as palavras não fugirem ao vento, para serem laçadas e colocadas para sentar-se no papel e de lá não saírem. As palavras escritas são mais comportadas que as faladas, que voam e podem ser desditas. As palavras escritas, embora mais comportadas, são mais subversivas, porque não podem ser ‘desesescritas’. Palavras podem ser pequenas facas ou flores que juntas, ou ofendem, ou embelezam”. Cartas podem ser eternas nesse sentido. Queríamos que nossas palavras assentadas nas cartas fossem “flores para quem as recebesse”, nas palavras do Lucas, estudante do CIEJA, que recebeu uma carta de um participante do CAPS e ficou impressionado sobre como a vida relatada pelo rapaz que escreveu a carta era parecida com a sua.

Participando do projeto DePara, constatei como a carta está presente na vida das pessoas em pleno ano de 2023, uma tecnologia que realmente não fica ultrapassada. Cartas não são apenas bons instrumentos de comunicação, são fonte de desejo dos estudantes. A proposta do projeto consistia em trocarmos cartas entre os estudantes do CIEJA Perus I com pessoas do CAPS e outras pessoas do entorno do Museu. Os estudantes ficaram felizes em responder às cartas que chegaram: uns relataram que era a primeira carta que recebiam, outros rememoraram cartas que recebiam dos parentes no Norte, Nordeste do país e do Haiti (temos muitos estudantes haitianos), houve quem não sabia o que escrever, pois diziam não conhecer a pessoa. Uma das etapas do projeto era, justamente, conhecermos depois as pessoas que, como nós, estavam escrevendo as cartas.

Em uma das etapas do projeto, dona Francisca, estudante da sala de alfabetização da professora Bianca do período da manhã, escreveu sua carta, cujo destinatário era o próprio Museu da Língua Portuguesa. Em sua carta, dizia quanto gostaria de conhecer este espaço. E assim foi feito: eu, a professora Bianca e dona Francisca seguimos para uma visita monitorada exclusivamente para ela. Foi seu dia de princesa. A alegria de dona Francisca era contagiante por ter ido pela primeira vez ao Museu, em grande estilo, junto com sua professora alfabetizadora. Foi uma tarde mágica para nós, professoras, ao ver o encantamento de dona Francisca.

Na última etapa do projeto todos iriam conhecer uns aos outros, com quem trocamos cartas ao longo do tempo, em um almoço programado pelo Museu e pelas educadoras e educadores do DePara. Infelizmente, na véspera de nosso encontro no Museu, aconteceu o inesperado e terrível episódio: nossa colega de trabalho, professora alfabetizadora do CIEJA Perus I, faleceu subitamente, não sendo possível mantermos a visita tão esperada. Fomos todas e todos, estudantes e professores, prestarmos nossa última “mulheragem” à professora que por oito anos lecionou e alfabetizou conosco. Uma tristeza, realmente.

A experiência do projeto DePara reverberou em um outro projeto junto à EJA do Colégio Santa Cruz que, após trocarmos cartas, levou seus estudantes ao CIEJA Perus I para conhecer nossa escola e seus interlocutores de escrita. Este ano, em todo fechamento de rodada, escrevemos cartas de intenção de conteúdos com os estudantes. O projeto DePara foi uma árvore florida e que ainda dá muitos frutos.

Foi um prazer participar desse projeto com a Educação de Jovens e Adultos, pois ajudou a ressignificar a escrita, remexeu em memórias e trouxe um pouco do Museu para dentro do CIEJA Perus I. Escrevo esta carta no dia do aniversário de Paulo Freire e me despeço aqui com uma frase dele muito conhecida e que tem tudo a ver conosco e com o projeto: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediados pelo mundo”. Nosso desejo é que nosso mútuo aprendizado seja próspero, mediado pelo mundo tão carecido de afeto e bonitezas.

Carinhosamente.



Para encerrar esta publicação, muito poderia ser dito. Institucionalmente, o DePara somou e multiplicou ações de grande impacto, mas como este é um projeto de cartas e correspondências, é simbólico que nossas parceiras Cristiane e Francisca tragam nas suas linhas escritas a demonstração da força transformadora desse projeto!



São Paulo, 14 de setembro de 2024.

Queridos amigos do Museu da
Língua portuguesa, estou aqui,
escrevendo para contar como o
projeto LePara meceu com a minha
vida.

preciso contar que ele despertou
muitas coisas. Coisas que estavam
escondidas dentro de mim e trabancam.

Agora eu deixo, mais, mais e mais.

Escrever uma carta para o museu.

Essa carta sei lida. Mais

que isso, materializada.

na visita, mostro para

mim que meus

sonhos podem



se realizarem. Então, eu posso e
dico sobre mais, enquanto eu for
viva!

Cada vez que eu lembro disso aí,
aparece mais alguma coisa que eu preciso
falar. Então não vou parar mais!

Obrigada pela oportunidade,
de coragem, ao pessoal do
museu e a minha professora
Bianca.

Um abraço do tarraho do mun-
do!

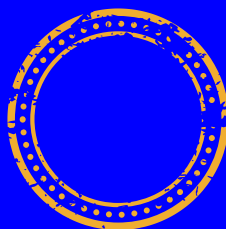
Francisca A de S. macimento
aluna da CIEJA PESUS





“

É bom
escrever
cartas
porque a
gente pode
desabafar
um pouco



”



Foto: Julia Calasso
2024

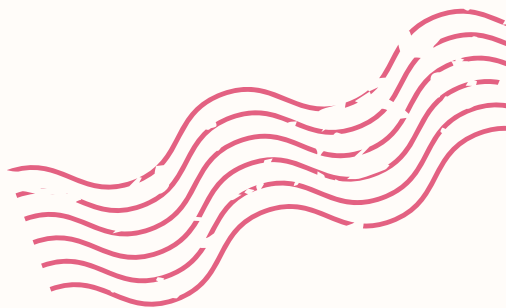
Agradecimentos



O Centro de Referência do Museu da Língua Portuguesa agradece aos parceiros e importantes apoiadores do projeto DePara: Carmen Garcia, Eduardo Urban, Jonathan Tavares, Cristiane Fialho, Franciele Busico, Bianca Duarte, Francisca Nascimento, Sozê, Emiraldo José de Almeida Jr., Anderson Moreira Messias, senhor Leandro, Evandro, Valéria Viana, Brenda, Jason Moisés, Camila Ribeiro Leite, Jonathan Derek, alunos e alunas do CIEJA Perus I, profissionais do CAPS AD III Prates, Foreny Fregone, Milena Nascimento, Julia Calasso, Clara Calasso, Fernanda Cordeiro, Cayo, Maya, Henrique, João Vitor, Lohan, Felipe, Feijão, Emily, Rayssa, Bruna, Everton, João Lucas, Perolla, Lunna, Vitória, Felipe Maria Eduarda, Wesley, Larissa, Hanna, Henrique Congo, Henry, Carlos Zezão, Rosa, Isaque, Kiara, Adriel, Ester, Sarah, Sofia, Vitória, Analice, Pedro, Agatha, Aniele, Kaue, Levi, Murillo, Erick, Kaynã, Thaissa Kelen e todas as pessoas que participaram das oficinas DePara.

Agradecemos também às equipes do IDBrasil Cultura, Educação e Esporte e a todos que contribuíram e viabilizaram a realização deste projeto.

Ficha técnica



PUBLICAÇÃO DIGITAL DEPARA

Governo do Estado de São Paulo

Governador | Tarcísio Gomes de Freitas

Vice-Governador | Felício Ramuth

Secretaria de Estado da Cultura, Economia e Indústria Criativas

Secretária | Marília Marton

Secretário Executivo | Marcelo Assis

Chefe de Gabinete | Daniel Scheiblich Rodrigues

Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio

Museológico | Mirian Midori Peres Yagui

Diretora do Grupo Técnico de Coordenação do Sistema

Estadual de Museus | Sofia González

Diretora do Grupo de Preservação do Patrimônio

Museológico | Luana Viera

Diretora do Núcleo de Apoio Administrativo | Regiane

Lima Justino

Museu da Língua Portuguesa

Diretora Executiva | Renata Vieira da Motta

Diretora Administrativa e Financeira | Vitória Boldrin

Diretora Técnica | Roberta Saraiva Coutinho

Centro de Referência do Museu da Língua Portuguesa

Coordenadora | Camila Chagas Aderaldo

Pesquisadora | Cecília Farias

Assistente de documentação | Janaína Lopes

Técnico em documentação | Leonardo Arouca

Supervisora | Luiza Magalhães

Publicação Projeto DePara

Camila Chagas Aderaldo

Luiza Magalhães

Coordenação geral do projeto

Centro de Referência Museu da Língua Portuguesa

Idealização

Julia Calasso

Produção geral do projeto

Beto Cavalcante

Projeto gráfico e diagramação

Daniela Uemura

Revisão

Luiza Magalhães

Karina Macedo

Coordenação editorial

Ciete Silvério
Floreny Fregone
Guilherme Sai
João Leoci
Julia Calasso
Luiza Magalhães
Stella Pinheiro

Fotografias

Millena Nascimento

Fotografia de capa

Anderson Moreira Messias
Carmen Garcia
Cecília Rosas
Cristiane Maria Coutinho Fialho
Floreny Fregone
Francisca Nascimento
Jonathan Mendes Tavares
José Sávio Coelho “Sozé”
Juventude Ocupação Mauá
Maria Helena Silveira
Millena Nascimento

Parceiros colaboradores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Projeto DePara [livro eletrônico] / [coordenadores
Camila Chagas Aderaldo, Luiza Magalhães]. --
São Paulo : Museu da Língua Portuguesa, 2024.

PDF

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-999470-5-6

1. Cultura e sociedade 2. Escrita criativa
3. Linguagem 4. Memórias 5. Oficinas pedagógicas
I. Aderaldo, Camila Chagas. II. Magalhães, Luiza.

24-245615

CDD-469.107

Índices para catálogo sistemático:

1. Escrita : Língua portuguesa : Linguística :
Estudo e ensino 469.107

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Museu da Língua Portuguesa | Temporada 2024

Patrocínio Máster



Patrocínio

Apoio



Gestão

Concepção e Implantação



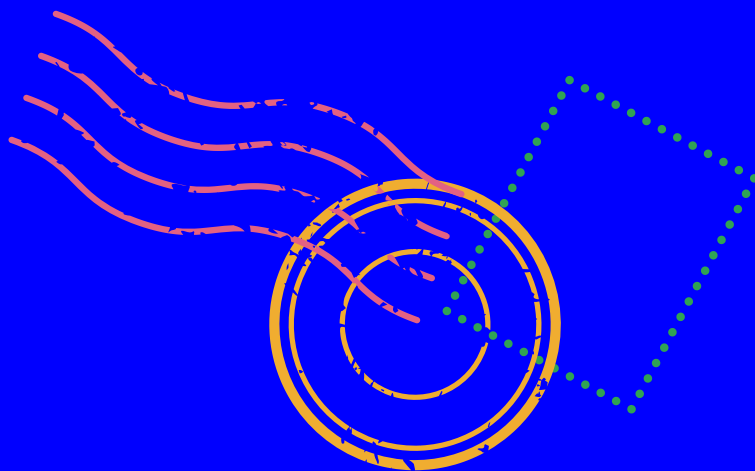
Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA









Museu
da Língua
Portuguesa

Centro de
Referência